TURISMO PEDAGÓGICO EM REMANESCENTES DE QUILOMBOS – POTENCIALIDADES DE SOCIALIZAÇÃO E VIVÊNCIA DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL

Aline Soares Guedes

Grace Kelly Marcelino

Sênio Regina Bastos

RESUMO: Este estudo tem por objetivo refletir sobre o turismo pedagógico e relacioná-lo às comunidades remanescentes de quilombos e, a partir desta análise junto à visitação do Quilombo Cafundó, averiguar a viabilidade do planejamento e execução de roteiros deste segmento. Utilizou-se por metodologia a pesquisa exploratória, bibliográfica e documental. Realizou-se um mapeamento dos locais mais visitados pelas escolas entre 2003 e 2013 e entre os locais listados a identificação das regiões dotadas de quilombos, entretanto não foi possível identificar por meio dos dados fornecidos pela agência se eles foram visitados. Considerou-se que permitir que os alunos tenham contato com o contexto dos quilombos é importante porque permite conhecer a história além dos livros, o aprendizado por meio do contato e a socialização e respeito à diversidade cultural.

Palavras-chave: Turismo Pedagógico; Quilombo; Ensino; Hospitalidade.

INTRODUÇÃO

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2003, p. 7).

Não há somente um tipo de educação, ela varia de nação para nação, família para família, de escola para escola, entre outros. Não há certo ou errado, mas a realidade daquele grupo exigirá conhecimentos que são considerados válidos ou inválidos (inúteis). “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO, 2003, p. 9).

A educação se realiza de modo disseminado, desde contextos familiares à comunidade, por meio de diversas formas de aprender, pode-se analisar que num

primeiro momento sem salas de aula, sem amigos de classe, sem livros e/ou orientadores, posteriormente nas escolas com regras, métodos e professores.

A educação ajuda a definir o caráter do indivíduo, ajuda criá-los por meio dos saberes que são transmitidos. O processo de crenças, ideias e símbolos controla o tipo de sociedade envolvendo a educação, “elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor” (BRANDÃO, 2003, p. 19). Portanto, a educação aparece nas situações que haja o ensinar e aprender, ou ao menos a intenção.

Ao surgir o trabalho para produzir bens, mesmo nas sociedades primitivas, e o poder para reproduzir a ordem por hierarquias, o saber se divide, começa uma distribuição desigual e, em alguns casos, reforça as diferenças ao invés de estreitar os laços da comunidade.

> Então é o começo de quando a sociedade separa e aos poucos opõe: o que faz, o que se sabe com o que se faz e o que se faz com o que se sabe. Então é quando, entre outras categorias de especialidades sociais, aparecem as de saber e de ensinar a saber. Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma “todos” no educador (BRANDÃO, 2003, p. 27).

Antes do espaço educacional escola é preciso lembrar que existem outros, anteriores à escola e ao período do sujeito frequentá-la. O aprendizado se dá no dia a dia por meio dos parentes e depois por meio dos que não tem vínculo familiar.

Este estudo visa refletir sobre o turismo pedagógico e os quilombos e averiguar a potencialidade deste destino para visitas escolares. Apresenta por objetivo específico identificar as regiões visitadas por escolas entre 2003 a 2013. Caracterizada como uma pesquisa exploratória fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e documental e à pesquisa exploratória realizada no Quilombo Cafundó. Os dados fornecidos pela agência de turismo pedagógico x foram sistematizados em planilha Excel para facilitar a visualização e utilização dos resultados. A problemática apresentada se justifica pela necessidade das pessoas (alunos) se relacionarem com ambientes diferentes ao de convívio, porém não inferior ou superior ao de sua realidade.

TURISMO PEDAGÓGICO

O turismo educacional constitui uma prática iniciada nas escolas e universidades particulares de países da Europa e Estados Unidos, posteriormente incorporado nas escolas brasileiras de elite, com professores especializados das disciplinas envolvidas nessa prática pedagógica. Comumente as viagens eram direcionas para o exterior, aos poucos as escolas passaram a praticar mais viagens regionais e nacionais para estudo do meio ambiente e cultural, ao passo que as viagens internacionais adquiriram o *status* de intercâmbio e passaram a ser desenvolvidas por agências especializadas.

O turismo científico inscreve-se no meio acadêmico, Beni (2003, p.433) o define como "deslocamento de turistas potenciais que se dirigem a grandes centros universitários com manifesta atuação no setor de pesquisa e desenvolvimento".

Ao tratar os segmentos de mercado turístico, Ansarah (2005) inscreve o turismo educacional como critério de segmentação de motivação da viagem; essa motivação, o que tange à escola, visa proporcionar o aprendizado por meio do lazer, da socialização e da prática.

Ansarah (2005) também aborda e explica segmentos atuais no mercado do turismo, pode-se observar que a educação está presente em três deles: turismo científico, intercâmbio cultural e o turismo pedagógico/educacional. Este estudo atentar-se-á ao turismo pedagógico.

> [...] o qual envolve atividades voltadas à educação, ao aprendizado, ao conhecimento de "algo" que possa acrescentar ao turista, isto é, que possibilite a ele ter uma visão da realidade. Esse segmento requer atenção e profissionalismo por parte dos seus planejadores. A viagem de estudo tem a capacidade de promover o desenvolvimento humano, social e educacional, podendo servir ao ensino (ANSARAH, 2005, p. 293).

Nas últimas décadas observa-se que jovens, adolescentes e crianças passam mais tempo nas escolas, ou com o advento da tecnologia ficam em suas casas, situações essas agravadas pela necessidade dos pais trabalharem fora de casa. Em virtude dessas circunstâncias e da vasta dimensão do território brasileiro, as pessoas ficam alheias à realidade que a circunda; o turismo pedagógico permite o contato com essas realidades desconhecidas.

O turismo não se restringe aos aspectos econômicos, engloba também as interfaces cultural, social e ambiental. O turismo pedagógico colabora com a conservação e preservação do meio, ao promover a ação sustentável, investir na conscientização do turista e na educação ambiental, além de incentivar o respeito pelo diferente, por meio do contato com pessoas que vivem em contextos de vida diferentes.

> O turismo pedagógico é uma ferramenta de educação ambiental que, na prática, demonstra a teoria das salas de aula. Pode ser vivenciado junto à natureza e ao campo, onde os alunos entram em contato com a comunidade local, sentem as dificuldades do cotidiano da localidade e adquirem novos conhecimentos [...] Neste contexto, o professor atinge seus objetivos didáticos de forma lúdica, pois as atividades pedagógicas são desenvolvidas com brincadeiras e entretenimento (PERINITTO, 2008, p. 101 apud ALVES, 2012, p. 101).

Compactamente é uma mescla do turismo, educação e lazer, relacionando-se aos três Ds de Dumazedier (1976), divertimento, descanso e desenvolvimento. O turismo pedagógico por não ser uma atividade obrigatória no currículo escolar, mas uma atividade extra para promover o aprendizado de maneira não rotineira, promove o divertimento em um ambiente diferente, o descanso considerando as obrigações escolares diárias e o desenvolvimento cultural, intelectual e físico (ao incluir atividades físicas no conjunto das práticas a serem desenvolvidas).

O turismo pedagógico objetiva despertar o interesse do aluno em adquirir conhecimento novo pelo local, observar os usos e costumes por meio da vivência na localidade alvo.

> Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciada pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa (ANSARAH, 2005, p. 294).

Aprendizagem por meio do prazer, não alienado, amplia o conhecimento por meio da vivência. O sujeito precisa do lúdico, da convivência e do esclarecimento para se desenvolver em todos os âmbitos para que saiba dosar as atividades da vida, trabalho, lazer, responsabilidades e família em busca de um equilíbrio que

influencia os que estão ao redor. O lazer é pautado, basicamente, por tempo e atitude (MARCELLINO, 2006).

Ou seja, o aluno não deixa de ser aluno e de estar em uma aula, porém na condição de turista ele tem mais desenvoltura para aprender com maior grau de liberdade e divertimento, vivencia e interage o objeto do conhecimento, em situações potencialmente interdisciplinares.

A liberdade do professor em ministrar aulas na sala de aula de uma escola não constitui a única forma de intermediar o conhecimento e o aprendizado do aluno, estimular a arte e a pesquisa, investir no desenvolvimento de sujeitos críticos para que participem e realizem novas construções também são pautas a serem inseridas no nesse processo. Ensinar transcende a ideia de transferir conhecimento, figura em criar/levar o outro a possibilidade de se produzir, é mostrar o caminho para que o indivíduo continue a caminhada e descubra suas limitações.

> É preciso entender que a educação é uma forma de intervir no mundo, pois além de proporcionar conhecimento dos conteúdos que na maioria das vezes, traduz uma ideologia dominante, deve permitir ao indivíduo o questionamento destes conteúdos (BONFIM, 2010,117).

Assim o objetivo consiste em estimular o aluno a aprender trabalhando a atitude do questionamento construtivo entre a teoria e a prática. Na modernidade a educação precisa ser continuada, por meio da transformação social para a formação de um cidadão político que usa a palavra para transformar o mundo, mas isso só se verificará se forem adotadas novas pedagogias que transformem as manifestações para educar para o futuro, explica Bonfim (2010).

No Brasil observa-se que um dos problemas da educação tem sido relacionar a teoria e a prática dos conteúdos ensinados, vale ressaltar que ao observar indivíduos que abandonaram a escola, principalmente no contexto da escola pública, o discurso da maioria, ao se justificar, é de que não entendiam o conteúdo e não conseguiam relacioná-lo com o dia a dia da vida ou como iria usá-lo.

A prática do turismo pedagógico ainda não alcança a importância e atenção necessárias, a urbanidade e a extensão do território brasileiro também são fatores, ao se tratar de estudo do meio (ex. geografia/tipos de solo), que levam as escolas a

não o praticarem, ao que se acrescentam os altos custos financeiros, restringindo-a, sobretudo, aos currículos das instituições particulares.

O turismo pedagógico possui potencialidade para o desenvolvimento de abordagens relativas à cidadania, diálogo, respeito, socialização, globalização e sustentabilidade, temáticas que se inscrevem nos objetivos da pedagogia contemporânea.

> Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente, etc., tornou-se, nos últimos anos o objeto da interdisciplinaridade que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização da escola (GODOTTI, 2000, p. 223 apud BONFIM, 2010, p.118).

O aprendizado fora da sala de aula permite ao participante se localizar, inserir-se como cidadão porque potencializa a construção do conhecimento prático com interferências diferentes do contexto da sala de aula.

> As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. São situações de aprendizado. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa (BRANDÃO, 2006, p. 17-18).

Quando se pensa o turismo como uma ação educativa paralelamente está se pensando a construção do lugar. “Os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes; entretanto, o espaço pode ser cruzado num piscar de olhos” (HALL, 1998, p. 72). Esse contato com o ambiente externo ao da escola, ligando prática e teoria, oferece ao aluno uma visão, no tempo e no espaço, do mundo e do homem, levando a mudanças de atitudes, facilitando o convívio do indivíduo consigo mesmo e com o ambiente ao qual se insere, também potencializam o respeito aos patrimônios, sejam culturais, naturais ou sociais: “uma das facetas do turismo pedagógico o qual pode vincular o lazer à educação do patrimônio”. (BRUSADIN, 2012, 87).

O turismo pedagógico apresenta “uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real” (ALVES, 2012, p. 75). Uma das facilidades do aprendizado está na transformação do papel de aluno em turista. O papel de aluno é representado pelo treinamento de se obter responsabilidade com

horários e compromissos, porém o papel de turista traz o sentido oposto agregado de atividades de lazer, que neste contexto do turismo pedagógico inclui diversão, descanso e desenvolvimento em um único tempo.

> Uma vez que o olhar do aluno é convertido em olhar do turista, torna-se mais fácil o conhecimento, visto que a aula ganha vida e a experiência de aprendizado do aluno torna-se algo real, com o qual ele pode interagir (ALVES, 2012, p. 75).

Quando não há obrigação, o objeto ou atividade se torna mais interessante e os fatores que geram a motivação são diversos no campo do lazer. Normalmente essas viagens escolares integram o currículo escolar de maneira opcional para o aluno.

> O professor pode ampliar as possibilidades de aprendizagem do aluno a partir de diferentes propostas didáticas. Ele pode organizar as práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos com as atividades lúdicas, de entretenimento e conhecimento, inerentes ao Turismo como possibilidade de "experenciar, vivenciar e conviver" (ALVES, 2012, p. 77).

Nem sempre a sala de aula possibilita oportunidades de troca e crescimento por meio de experiências próprias dos indivíduos envolvidos, as atividades externas são acrescentadas para ampliar o conhecimento e visão de mundo além de promover situações práticas de inclusão e colaboração.

Turismo pedagógico "faz do 'sair da sala de aula' um elemento real que motiva e fascina, levando ao aprendizado" (ALMEIDA, SILVA, 2012, p. 109). Permite a ligação entre passado presente e, ao mesmo tempo, subsídio para desenvolvimento do conhecimento e da cidadania.

> Assim, a principal razão é o método educativo, a comunicação de um conteúdo didático, através do uso dos serviços e equipamentos turísticos, em um contexto de lazer e entretenimento reforçando o aprendizado da sala de aula (ALMEIDA, SILVA, 2012, 109).

Compreender o turismo pedagógico é parte importante para aceitação de sua aplicação nas escolas e comprometimento do professor neste novo contexto, despertando sua consciência para a potencialidade pedagógica que oferece. Alves

(2012, p. 27) apresenta um quadro onde oito educadoras respondem “para você, o que é Turismo Pedagógico?”, vejamos as respostas:

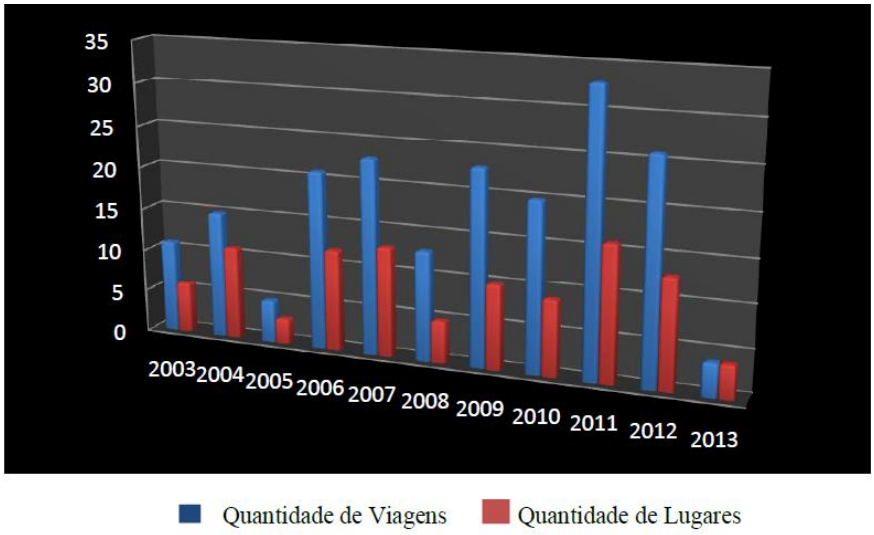
1. Turismo voltado – direcionado para a educação.
2. Diversão e cultura.
3. Levar os alunos uma aprendizagem significativa, mostrando o concreto.
4. ...é o meio para uma aprendizagem lúdica...
5. Ensinar e conhecer.
6. Interação. Escola/cultura.
7. Cultura/escola.
8. Conhecimento e ludicidade.

Os aspectos lúdicos estão presentes em quatro respostas, assim como o conhecer (com contato), todavia, nota-se que o conhecimento e a diversão são presentes, necessários e parceiros para o aprendizado do indivíduo.

Para efeitos dessa pesquisa, foram identificados dados sobre o turismo pedagógico em uma agência de turismo pedagógico, denominada *x.* Os meses em que mais ocorrem essas atividades, já que esse segmento do turismo acontece com ênfase durante o período letivo do ano, foram maio, setembro e outubro, seguido por março e novembro. Os meses com menor número de excursões/viagens são fevereiro, julho, dezembro, os dois últimos não são considerados letivos.

Outro fator observado foi à quantidade de viagens em relação à quantidade de lugares visitados, o número de viagens no decorrer de dez anos é maior que o número de lugares, isso acontece porque a agência leva diferentes escolas ou a mesma escola com turmas diferentes para os mesmos lugares. Entende se que isso acontece por serem lugares que atendem a necessidade de abordagem de conteúdo das escolas, assim como infraestrutura compatível à demanda escolar.

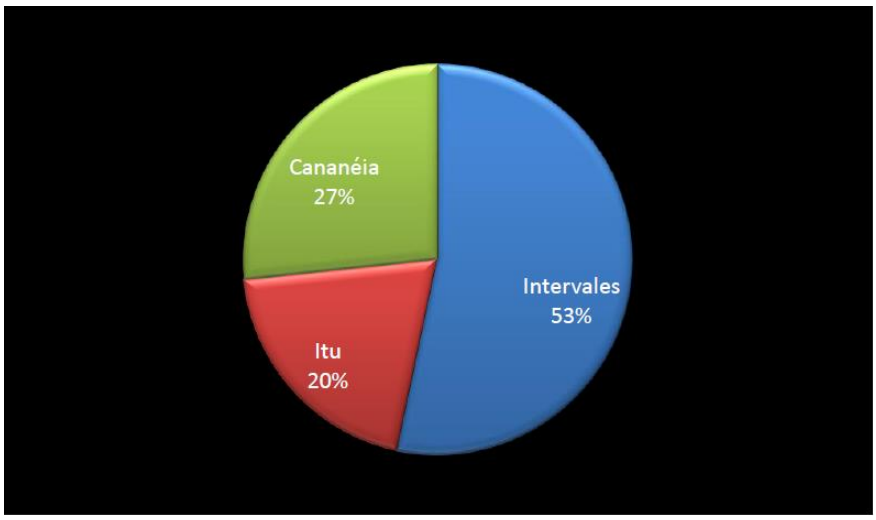
GRÁFICO 1: Quantidade de Viagens x Quantidade de Lugares Visitados por Escolas pela Agência X – 2003-2013



Fonte: Agência X.

O estudo revelou os 14 destinos brasileiros mais visitados, sendo eles: Intervales (SP), Brotas (SP), Paraty (RJ), Bananal (SP), Petrópolis (RJ), Itatiaia (RJ), Barra Bonita (SP), Petar (SP), Bonito (MS), Roteiro Bandeirantes (SP), Itu (SP), Cananéia (SP), Brasília (DF) e Ouro Preto (MG). A figura abaixo apresenta as três regiões mais visitadas durante o período 2003 a 2013.

GRÁFICO 2: Regiões Mais Visitadas para a Prática de Turismo Pedagógico pela Agência X Durante o Período 2003-2013



Fonte: Agência X.

Entre as 14 regiões mais visitadas, em quatro evidenciam-se a presença de quilombos: Intervales, Cananéia, Paraty e Ouro Preto. Em Itu não há quilombo, porém existem comunidades próximas à região, como é o exemplo da comunidade Cafundó, em Salto de Pirapora. As informações cedidas pela agência, todavia, não especificam o roteiro realizado pelos alunos nestes locais.

Ainda assim, vale ressaltar que a inserção de visitas aos quilombos (e/ou ampliação da atividade) não exige demasiada alteração de itinerário ou da seleção da região, já que nessas localidades visitadas existem comunidades quilombolas.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS QUILOMBOS

Tratar das questões quilombolas no Brasil, tem se tornado hábito frequente em função da perceptível necessidade do enaltecimento étnico, em busca da preservação histórica do país por meio de sua diversidade cultural, mesmo em uma sociedade que também influenciada pela história renegou e renega, atuou e mesmo com algumas doses de discrição, ainda atua, fortemente em desfavor ao reconhecimento das raízes negras nas bases da construção cultural do povo brasileiro, ainda em função do racismo. O racismo no Brasil é crime inafiançável, imprescritível e sujeito à pena de reclusão, previsto pela Constituição Federal, nos termos do Artigo 5°, Inciso XLII. Entretanto, diariamente e das mais diversas formas, o racismo é expresso em espaços públicos, apesar da tentativa inútil de alguns em afirmar que não existem, outros o justificam:

> Enquanto os negros se encontravam em uma posição subalterna, o racismo existia, mas não assumia formas tão ostensivas, porque os negros não disputavam com os brancos o acesso aos bens públicos e a outras posições na sociedade – coisas que os brancos consideravam suas por merecimento. Porém, quando as lutas dos movimentos sociais negros produziram certas conquistas, alguns brancos passaram a se sentir ameaçados (SCHUCMAN apud ARANTES, 2015).

O ser humano, ainda que evoluído, possui, como os animais, instintos primitivos de ataque e defesa, que podem ser acionados em situações de perigo iminente, que pode ser classificado aqui não apenas como a agressão física a que uma pessoa pode ser submetida, mas a qualquer situação que coloque uma pessoa

ou grupo em condição de desvantagem perante o outro. A desigualdade de raças repercute este cenário, onde o homem branco que escraviza, reduz os negros escravizados à condição animal, fáceis de manipular, irracionais, aculturados e longe de ter perspectiva ou inteligência o bastante para se impor à realidade que lhes é forçada. Entretanto, ao passo que este cenário apresenta indícios de transformação e mudança, em função das ações abolicionistas, o receio da revolta e vingança do homem negro à sociedade que lhe maltratou durante anos cresce e ganha forças, de modo a elevar entre os escravagistas o medo do inesperado e impensado: uma sociedade onde homens e mulheres, negros ou brancos teriam os mesmos direitos e deveres como cidadãos. É este medo, assim como o de um animal que luta pela sobrevivência na selva, onde os mais fortes sobrevivem, que dita o comportamento dos adeptos à escravidão e racistas, que buscam as armas que podem para travar as lutas que até hoje são evidenciadas pela defesa do que estes acreditam ser território exclusivo de uma raça, que em concepção dos mesmos, é superior às outras. Quanto maior a sensação de ameaça, maior será o ataque em função da necessidade de defesa.

Num contexto que extrapola os limites das relações do racismo diretamente associado à coloração da pele de uns ou de outros, Freyre (1979) aborda o assunto com base no “Drama da deseducação”. O homem negro e escravo ao se deparar com a liberdade busca em vão acreditar que o trabalho bem executado por meio de suas aptidões, variadas em cada indivíduo, possa lhe oferecer respeito e quem sabe ascensão social, uma vida digna, por assim dizer. Infelizmente, mais do que as qualidades de trabalho e a possibilidade de “intelectualidade do negro”, à cor de sua pele se associa aspecto negativo e impossibilita a leitura das potencialidades de sua recém adquirida cidadania. E qual cidadão? O negro nunca fora tratado como gente e não haveria de ser diferente pelo simples fato de poder ir e vir, ou seja, pela sua liberdade, que ainda hoje causa indagações quanto ao verdadeiro sentido da palavra que os libertava de suas correntes físicas, mas não de sua moralidade quanto indivíduo.

Até que ponto uma palavra tem força positiva ou negativa? Se é para ser livre, deixe que vivam suas vidas, mas não os deem poder suficiente para que sua cultura, seus hábitos, sua alimentação e sua presença por si só, não influenciem e

não interfiram nos interesses de uma sociedade já existente – é o que passa pela cabeça dos que temem a “evolução da raça”.

Os negros escravizados, em sua maioria, não eram alfabetizados e sua inserção após a abolição não foi acompanhada por projetos que os capacitasse para a cidadania. Posteriormente, a eficaz defesa contra a inserção dos negros na sociedade, fundamentou-se na sua falta de instrução.

Segundo Freyre (1979), ao abolicionismo deixou-se de acrescentar, no Brasil, um transbolicionismo, que preparasse o descendente do escravo, homem ou mulher de cor, para sua integração na sociedade brasileira. E complementa:

> Joaquim Nabuco, como o mais lúcido dos abolicionistas, apercebeu-se da necessidade do que aqui se denomina transbolicionismo que completasse o abolicionismo, preparando a gente de cor, liberta e alforriada, livre, para um status que lhe foi concedido apenas retoricamente (FREYRE, 1979, p.2).

Não seria possível justificar o racismo por uma única vertente, pois as relações humanas são mais complexas do que mensuram as questões sociais, políticas e econômicas. De qualquer maneira, a negativa da existência de tal situação no contexto contemporâneo reveste-se de ingenuidade. A luta dos negros pelo reconhecimento de sua igualdade como povo e pela preservação cultural de seu patrimônio histórico segue em frente aos desafios que, certamente, outros tantos povos também enfrentaram e ainda enfrentam. A expectativa, porém, é que este direito e lutas também evidenciem a importância da preservação cultural e da igualdade social.

Os territórios quilombolas remanescentes são atualmente um dos grandes símbolos da luta dos negros descendentes de escravos, em busca dos direitos às terras onde viveram seus ancestrais e sua cultura ganhou força, quando do convívio dos mesmos em sociedade, estruturada à partir de suas próprias leis, direitos e deveres.

De acordo com Oliveira (2012), quando se fala em comunidades remanescentes, alguns conceitos merecem ser discutidos e destacados:

> [...] não se pode esquecer-se da importância de procurar ir além das conceituações cristalizadas e congeladas pela historiografia tradicional e tentar encontrar definições contemporâneas e que estejam perto de cada realidade (OLIVEIRA, 2012, p.3).

Ainda de acordo com Oliveira (2012), mocambo, Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Negro e Quilombo, são as conceituações mais comuns quando se dirige para este segmento étnico.

Ainda assim, é importante lembrar que os remanescentes de quilombos, estão ligados a um povo e à sua cultura e por mais que a expressão seja comumente ligada aos descendentes de escravos e negros, estas comunidades eram também compostas por índios, mestiços e brancos. Benatti (*apud* TRECCANI, 2006, p.89) conceitua os remanescentes de quilombos da seguinte forma:

> Coletividades que constituíram sua história baseada numa cultura própria, que foi transmitida e adaptada em cada geração [...] não foram compostas somente de escravos [...]. Os membros se identificam entre si como pertencentes a esse grupo e que compartilham de certos elementos e ações culturais [...] num determinado território em comum.

A preservação cultural dos territórios de grupos quilombolas está diretamente relacionada às questões geográficas e genealógicas das famílias e grupos habitantes destes locais. Todo descendente de quilombola tem o direito às terras em que seus antepassados viveram e iniciaram a disseminação de sua cultura. Infelizmente, assim como muitos outros aspectos jurídicos, o Brasil possui a constituição adequada à garantia da posse destas terras pelos remanescentes, porém, as ações de validação do direito garantido, são burocráticas, longas, cansativas e não protegem estes ocupantes durante o transcorrer do processo.

Atos de violência diversos já foram constatados por fazendeiros que alegam propriedades nas terras que são ocupadas pelos quilombolas, causando inclusive mortes, como o caso de Flaviano Pinto Neto, morador da comunidade quilombola de Charco, no Maranhão, que defendia a legitimidade de seu direito e de seus familiares, todos nascidos na comunidade, como reais proprietários, divulgado no site Revista Fórum (2014).

Segundo Dos Anjos (2003), o banco de dados dos registros dos remanescentes de quilombos evidencia 848 ocorrências no Brasil com informações computadas até setembro de 1999.

De acordo com o Site Terra (2014), no estado de São Paulo há atualmente 32 comunidades quilombolas reconhecidas, sendo que a grande maioria (25) estão

localizadas no Vale do Ribeira. Em números, pode-se dizer que 1.395 famílias estão sendo beneficiadas com assistência profissional de agrônomos, veterinários, biólogos, técnicos agrícolas, economistas, assistentes sociais, entre outros, o que promove conhecimento aos moradores do território para a manutenção de suas vidas, sem intervenção do ambiente externo.

É inegável que a validação de todas as comunidades quilombolas ainda demorará a se efetivar e que esta não será uma ação a ser aplaudida por todos, já que falamos de interesses múltiplos, porém, a importância da preservação destes grupos, no local onde nasceram e se reconhecem como povo, para a identidade do Brasil, é de vital importância para a educação do país.

QUILOMBOS E O TURISMO PEDAGÓGICO

Nos dias de hoje, já existem roteiros turísticos para o ingresso em comunidades quilombolas. No Estado de São Paulo, em especial no Vale do Ribeira, há a possibilidade de rota turística em seis comunidades preparadas para atender e receber turistas. Os roteiros são programados de acordo com as festividades do calendário dos quilombolas e seguem diversas rotas utilizadas no passado pelos escravos negros e pelas atuais, utilizadas pelos moradores, que sobrevivem com o plantio de seu próprio alimento, a fabricação de sua vestimenta e utensílios, além da divisão de tarefas em face à valorização dos conhecimentos e aptidões de cada um dos moradores em prol de toda a comunidade.

Os costumes antigos podem ser vistos na simbologia dos artigos religiosos, nos rituais de comensalidade, que partem de mãe para filha, das festividades, artesanato e expressão cultural e artística que mantém os ensinamentos dos antepassados. Há comunidades mais distantes do ambiente urbano, que ainda hoje, preservam dialetos próprios, como é o caso do quilombo Cafundó, localizado na região de Sorocaba e constituído por 18 famílias.

Além do desafio do reconhecimento e preservação dos quilombos, as comunidades vivem com a luta de sua própria sobrevivência e da autonomia de sua responsabilidade por ela, o que sugere a necessidade da comercialização das visitas aos quilombos para a geração de renda. Na verdade, não há nestes roteiros

turísticos a intenção da venda de cultura, o que há é a troca, que está baseada no princípio da dádiva, abordado por Godbout (1999 p. 12): “A Dádiva está em toda parte”. A visitação às comunidades permite experiências de aspectos culturais presentes nos quilombos pelo visitante, que tem a possibilidade de ser acolhido e gerar conhecimento daquela cultura por meio da vivência. Por outro lado, ocorre a valorização das comunidades e, consequentemente, meios de posicioná-las acerca dos processos de reconhecimento e legitimidade das terras e de sua cultura, além de melhores condições de vida, em virtude dos benefícios econômicos decorrentes da visitação, visto que potencializa o comércio do artesanato, de alimentos e bebidas, em especial nas datas festivas. Tal exposição, resultaria, potencialmente, no apoio governamental para a preservação da cultura e, consequentemente, de melhoria da infraestrutura das comunidades para que seja viável a recepção de público externo.

> A busca do objeto turístico pelo turista tem sido para o mais diferente, o exótico e o outro. Esta condição da cultura de um determinado povo ser a experiência turística pode ser uma alternativa econômica para as comunidades e também para a revitalização cultural dessas populações. O turismo pode levar ao reforço de certas tradições (MORAES, 2006, p. 10).

Não se espera que haja a profissionalização dos quilombos para a recepção dos turistas, pois a manutenção das práticas ancestrais, a preservação desse patrimônio cultural, portanto, constitui o seu atrativo e os limites deste tipo de turismo são estipulados pelo que é oferecido pelos quilombolas e pelo que por eles é guardado por ser o que os torna quem são. Mas a experiência da visita, a permanência nas comunidades e a interação com o ambiente geram sensações diversas, que associadas aos contextos históricos, permite ao visitante desfrutar da possibilidade de se colocar no lugar do outro e ainda assim poder voltar à sua realidade, da mesma forma que os anfitriões vivem o acolhimento dos hóspedes e voltam à sua realidade quando estes se vão.

A interação e a sinergia nos espaços como alternativa educacional se faz necessária por proporcionar a aprendizagem e a socialização por meio da vivência. Acrescenta-se o saber da comunidade, que envolve:

> Situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, como o próprio exercício vivo do fazer (BRANDÃO, 2003, p. 20).

As visitas às comunidades necessitam muito mais do que recepcionistas e guias que façam o acompanhamento das visitações, exige o interesse em disseminar cultura, agregar valor ao conhecimento e transmiti-lo ao próximo. A vivência em campo facilita a transmissão do conhecimento, possibilita a realização de perguntas e colocações aos integrantes da comunidade, sujeitos históricos, portadores de uma memória da vida no quilombo. Essa interação se desvincula do modo tradicional de exposição de conteúdo, onde há a apresentação, amostragem e tempos programados para perguntas e respostas. “Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar” (BRANDÃO, 2003, p. 22). Ainda de acordo com Moraes (2006), o turismo nas comunidades é uma modalidade que pode ser positiva, desde que tratada com a preocupação da preservação cultural do povo e da não transformação da comunidade em “ofertas turísticas”.

E se tratando do turismo pedagógico, a interação dos turistas com os anfitriões é previamente planejada e organizada para que se atendam os objetivos mensurados pelos docentes.

> Não é a comunidade como um todo que se relaciona com os turistas, muitos nem tem contato com eles. Na verdade, o turista não conhece de fato aquela comunidade, mas possivelmente tem muito mais oportunidade de aprendizagem sobre ela do que se apenas estudasse com livros, vídeos, Internet ou outra fonte à distância (MORAES, 2006, p. 13).

A intenção do turismo pedagógico associada aos interesses de validação quilombola podem seguir juntos, pois quando há educação, há o conhecimento, que gera compreensão e análise da necessidade e importância da permanência de valorização cultural dos aspectos de formação de um grupo que forma um país. Proporcionar conhecimento às crianças e adolescentes, que são futuros formadores

de opinião e que ainda podem ser lapidados, garante a perspectiva de um país visto pelos olhos de quem sentiu o prazer de ser inserido a uma nova cultura, mesmo que brevemente, e que provavelmente perceberá a necessidade de que outros como ele, possam ter o privilégio ao mesmo conhecimento e percepção.

O QUILOMBO CAFUNDÓ – INVESTIGAÇÃO E OBSERVAÇÃO

Além dos dados bibliográficos inseridos no estudo, realizou-se uma pesquisa exploratória para a constatação da potencialidade dos quilombos como objeto de visitação do turismo pedagógico. Para o confronto das informações já obtidas, visitou-se o remanescente de quilombo Cafundó, localizado a 150 km de São Paulo e a 30 km de Sorocaba, no município de Salto de Pirapora.

O Cafundó é um quilombo de difícil localização e acesso, principalmente em épocas de chuvas, já que sua entrada e ruas são de terra e esburacadas em toda a extensão. A comunidade abriga atualmente famílias de descendentes e não descendentes de escravos, devido à invasão externa e, ainda em razão disto, muitas das casas dentro da comunidade estão cercadas, já não mais caracterizando a vida em comunidade.

O Cafundó foi o primeiro a ser reconhecido como comunidade, em 1.999, desde então, seus líderes comunitários lutam para manter as tradições mais antigas e que foram transmitidas a eles por seus ancestrais. Infelizmente, do mesmo modo que algumas ações ainda permanecem vivas na cultura deste povo - tais como a Festa de Santa Cruz, realizada anualmente, a preservação da primeira Capela de Santa Cruz, a manutenção do dialeto da época, falado hoje apenas pelos líderes, o artesanato e plantio dos alimentos que são consumidos pelos próprios moradores – já não é possível causar nos visitantes o impacto visual imaginário da época escravagista, pois as casas já não são como antigamente, ou as vestimentas e mesmo a maior parte dos hábitos cotidianos. A influência externa fez com que a comunidade avançasse a uma realidade de vida contemporânea, que apesar de precária, se comparada à modernidade tecnológica, é demasiadamente atual se comparada à vida dos antepassados no quilombo.

Considerando a observação realizada quanto a viabilidade e relevância do turismo nos quilombos, foi possível evidenciar a falta de infraestrutura de acessos, como sinalização e programação das atividades com informações climáticas, já que as condições de chuva prejudicariam o desenrolar da visita à comunidade. Faz-se necessária a preparação dos alunos com noções primárias sobre o que será encontrado na comunidade e orientações a serem seguidas para que a visita seja proveitosa em termos didáticos e investigativo, visto que há poucas evidências do passado escravista.

O ponto alto do turismo nos quilombos é obviamente, a presença dos descendentes de ex-escravos e o compartilhamento de histórias e informações quanto às tradições remotas, a vida na comunidade, as questões relacionadas à luta pela terra, além, de aspectos interdisciplinares possíveis, tais como as questões de sustentabilidade e globalização, que também regem a formação do público em questão.

Assim como o Cafundó, outros quilombos remanescentes, ainda com tradições em maior evidência são potencialidades para o turismo pedagógico; sua inclusão nos roteiros de visitação conferem visibilidade às comunidades que dependem de ações governamentais para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou incidir sobre a educação e o turismo pedagógico nos dias atuais, além de apontar a relevância dessa prática no meio acadêmico e considerar a necessidade de contato com realidades diferentes e/ou opostas para uma melhor compreensão da sociedade.

Propiciar o turismo pedagógico nos quilombos possibilita conhecer uma história que por muito tempo não era contada/valorizada, mas que hoje tem conquistado seu espaço e para que este processo continue é preciso haver aproximação e esse tipo de turismo constitui um meio para essa ação.

Os dados da agência *x* colaboraram para contextualizar o turismo pedagógico, pois é uma atividade que acontece há anos nas escolas, principalmente

pelas instituições particulares, e normalmente relacionadas ao estudo do meio nas disciplinas de geografia e história.

Apesar de identificar as localidades mais visitadas e as que possuem grupos quilombolas, não foi possível afirmar que foram visitados pelos alunos, uma vez que não foi disponibilizado o roteiro de cada saída pedagógica, sendo esta uma sugestão para novas pesquisas sobre o tema: analisar os roteiros para confirmar se há visitas aos quilombos ou se é necessário uma ação nas escolas e agências para que haja adaptação dos roteiros, além de visitar e avaliar a viabilidade de criação de roteiros pedagógicos em outros quilombos.

Entende se que a prática do turismo pedagógico nos quilombos é importante e necessária, pois favorece a disseminação do conhecimento, da história, da ampliação de visão de mundo e valorização das diferentes culturas do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alessandra Passos; SILVA, Eliane A. das Graças. Turismo Pedagógico como Instrumento de Promoção da Cidadania e Inclusão. In: ALVES, Kerley dos Santos. **O Turismo Pedagógico na Escola**: Agenciamentos e Conexões. Ouro Preto: UFOP, 2012.

ALVES, Kerley dos Santos. **O Turismo Pedagógico na Escola**: Agenciamentos e Conexões. Ouro Preto: UFOP, 2012.

ANJOS, Rafael Sanzio Araujo. O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. **Rev. Bras. Extensão Universitária**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-57, jul-dez 2003.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Turismo e Segmentação de Mercado: Novos Segmentos. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi *et al* (Ed.). A**nálises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

ARANTES, José Tadeu. Racismo e “Branquitude” na Sociedade Brasileira. **Agência Fapesp**. São Paulo. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/racismo_e_branquitude_na_sociedade_brasileira/20628/>. Acesso em: 18 mar. 2015.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 8.ed. São Paulo: Senac, 2003.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma Pedagogia Diferenciada: Uma Reflexão Acerca do Turismo Pedagógico como Prática Educativa. **Revista Turismo e Ação**, vol. 12, n. 1, p. 114-129, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRUSADIN, Leandro Benedini. Patrimônio, Educação e Lazer: Um Caminho pelo Turismo Pedagógico. In: ALVES, Kerley dos Santos. **O Turismo Pedagógico na Escola**: Agenciamentos e Conexões. Ouro Preto: UFOP, 2012.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FREYRE, Gilberto. Racismo no Brasil. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 de out. 1979.

GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. Introdução: A Dádiva Existe (Ainda)? In: _____**. O Espirito da Dádiva.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999, p.11-29.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: Uma Introdução. 4.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

MORAES, Claudia Correa de Almeida. Turismo Pedagógico em Quilombos: Considerações sobre a Formação de uma Comunidade Turística. **IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, Caxias do Sul. 2006

NEDER, Renata. **A Justiça, acerca e a Lei**. E a justiça, onde está? In: _____. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/digital/170/0k-terra-cerca-e-lei-e-justica-onde-esta/>. Acesso em: 18 mar. 2015.

OLIVEIRA, Jucilene Belo de. Comunidades Remanescentes de Quilombo da Amazônia: O Uso do Território**. VI Encontro Nacional da Anppas**. Belém, 2012.

TERRA. **Governo Paulista Reconhece Quatro Comunidades Quilombolas**. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/governo-paulista-reconhece-quatro-comunidades-quilombolas/>. Acesso em: 18 mar. 2015.

YAGUI, Mirian Midori Peres. **Turismo e Inclusão Social**: As Comunidades Remanescentes de Quilombos. s.i., s.d.